

**E SE TE CONTASSEM OUTRA HISTÓRIA: GÊNERO E FEMINISMO NO
ENSINO DE HISTÓRIA**

Marlia Aguiar Façanha¹

Professora da rede estadual- SEDUC- CE

marliaaguiar@yahoo.com.br

Nossa pesquisa foi realizada através da formação de um grupo de estudos e pesquisas em gênero, em novembro de 2017, na EEMTI Professor Edmilson Pinheiro, em Maracanaú- Ceará. Este foi o grupo focal, antes de sua formação foi feita a aplicação de questionários em duas turmas de terceiro ano da escola, durante os meses de novembro e dezembro de 2017, motivada por redações destes estudantes sobre o tema: “Quais os caminhos para o combate à homofobia no Brasil?”. Havia, nelas, uma grande carência de argumentos e reais intervenções para solucionar o problema. A maioria, 53 alunos, apontou a necessidade de leis mais severas para combater o crime de homofobia, mas não explicaram os caminhos para isso; 25 alunos disseram haver necessidade de palestras nas escolas para o combate à homofobia; 7 alunos julgaram importante o papel da mídia no combate à discriminação e 4 alunos veem nos movimentos sociais, em suas lutas, a forma de dirimir a discriminação. Ao todo, 121 estudantes fizeram as redações e 32 deles não compuseram nenhuma intervenção, apenas lembraram a importância do respeito à sexualidade e “escolha” de cada um. Este foi o momento que percebi, que poderia haver um problema sobre a questão na escola, que poderia ser trabalhado pelo professor no ProfHistória.

Nas salas de aula foram feitos debates sobre o tema, depois de ler as redações e o resultado foi quase o mesmo, a não ser pelo fato de que, por ser menos formal que na escrita, na qual eles sabem que não podem atacar os direitos humanos de forma alguma, no debate, mostraram-se mais, seus preconceitos, e opiniões reais.

O próximo passo foi a elaboração de um questionário online de dez perguntas, no qual os estudantes do terceiro ano responderam sobre relações de gênero, desigualdade de gênero na escola, sobre esse debate nos livros didáticos de História,

¹ Mestre em Ensino de História- Profhistória- UFRN

etc.; o teor das respostas foi bastante diversificado e a escolha das turmas ocorreu por constatação nas aulas, havendo a necessidade de aprofundar o tema com essas turmas especificamente.

O questionário foi aplicado para que eles respondessem de forma anônima, na tentativa de deixá-los mais à vontade, ainda para expor o que pensam sobre o assunto. No total, 53 alunos responderam ao questionário, eles tinham entre 17 e 19 anos e estudavam no turno da tarde, sobretudo, estavam saindo da escola em busca de trabalho e/ou prosseguir seus estudos.

Dentre as questões estavam, por exemplo:

- Para você, o que é feminismo?
- O que é machismo?
- Você já sofreu algum tipo de violência de gênero na escola?
- Conte um pouco/Você acha que existe desigualdade de gênero na escola? Por quê?
- Você acha que as questões relativas ao gênero devem ser discutidas na escola?

As respostas a essas perguntas foram muito diversificadas, enquanto uma pequena parte entende um pouco sobre o assunto, a maioria confunde ou não sabe do que se trata, já outra pequena parcela se mostrou contrária ao debate como um todo.

Sobre o que é feminismo, temos algumas das seguintes respostas do público masculino:

- É algo que as mulheres usam de forma para seu desenvolvimento e que muitas vezes não olham para o lado do homem e acabam pensando só em si mesmo.
- Mulher que só quer alguma coisa se for do jeito dela.
- Uma escolha burra que algumas mulheres fazem na vida.
- É quando uma mulher luta pelos seus direitos.
- Mulheres que se acham superior aos homens.
- Quando uma mulher, fala sua opinião e não respeitando as outras.
- É uma busca de direitos iguais.

Os meninos se dividiram e muitos não concordam com o que pensavam ser feminismo, por entenderem que se trata de uma forma de exercer superioridade feminina em relação aos homens, mas o contrário não os perturba, são “as coisas como são”, as mulheres em seu papel subalterno, jovens de 17, 18 anos que entendem como a sociedade funciona para as mulheres.

A seguir, as respostas de algumas meninas à mesma pergunta:

- É o meio das mulheres se expressar com situações que não lhes agradam em relação a machismo direitos e etc.
- É ter respeito, ser compreendida e ter direito de se expor de forma liberal, do jeito que a mulher deseja.
- É quando a mulher luta pelos seus direitos, por igualdade, e muitas vezes se referem ao homem como o inimigo, muitas vezes há o exagero da nossa parte.
- É a mulher querer ser superior ao homem.
- Quando a mulher achar que não precisar de homem pra nada.
- Uma forma de opinar contra opressão cometida de certos homens contra mulheres.
- O poder da mulher que hoje em dia ganhou o espaço na sociedade.

Podemos analisar que nos dois grupos, masculino e feminino, há uma divisão de pensamentos a favor ou não, da luta por direitos iguais na sociedade para homens e mulheres, algumas meninas, inclusive, veem algumas posições como exagero. Já na pergunta sobre o que é machismo, os dois grupos dão praticamente a mesma resposta, como podemos ver abaixo, em todas as respostas a essa pergunta há, de alguma maneira, a explicação de superioridade masculina, submissão da mulher então sabemos sim, do que se trata o machismo, já no caso do feminismo ainda é bastante confuso para muitos estudantes, alguns entendem luta por direitos e outros como uma forma de superioridade feminina.

Vejam os exemplos das respostas sobre machismo:

- Piadinhas ofensivas, ameaças, controle sobre outra pessoa e etc...
- Quando o homem discrimina a mulher.
- Homem se sentir superior à mulher pelo seu gênero.
- Quando o homem abusa do seu poder.
- É dúvida da capacidade da mulher, e acha que a mulher não sabe de nada.
- É dúvida da capacidade da mulher, e acha que a mulher não sabe de nada.
- É o homem achar que a mulher é submissa a ele, que mulher é um objeto.
- Falar mal ou não respeitar o espaço da mulher perante a sociedade.

Quando perguntados se existem desigualdades de gênero na escola, 37 alunos disseram que sim, por exemplo:

- Sim, de alguma forma os meninos se acham superiores as meninas.
- Sim, pois observo o preconceito frequente, piadas e etc.
- Sim, pois no *interclasse* houve dois campeões de futsal o masculino e o feminino, no entanto no jornal da escola apareceram a foto do campeão masculino e do vice-campeão, sem fotos das campeãs femininas. Além de vermos que as medalha das meninas não se comparava as medalhas dos meninos.

Do que se pôde constatar até aqui, no geral, os estudantes entenderam o que era machismo, que existem desigualdades de gênero na escola, mas muitos não entendem ao certo, do que se trata o feminismo, e quando a pergunta é se na visão deles, faz-se necessário o debate sobre as questões de gênero na escola, 49 dos 53 alunos dizem que sim, é de suma importância que seja um assunto tratado na escola, apenas 3 alunos divergem, colocando a questão de ser um assunto delicado e que deve ser tratado em família, ou seja, nessa pequena amostra de perguntas, pôde-se entender a urgência das escolas participarem ativamente do debate, haja vista as seguintes respostas:

- Sim. é importante discutir esse tipo de assunto, isso ajuda na formação de um cidadão que saiba conviver com todo tipo de situação.
- Com certeza, pois se você busca uma igualdade de gêneros é necessário discutir e argumentar sobre isso, para que as pessoas entendam a gravidade do caso e se conscientizem que é errado.
- Não, pois gerariam conflitos no que a escola ensina e a família diz.
- Não, esse assunto é bastante particular e deve ser discutido e orientado em casa, em família..
- Sim, porque qual lugar melhor para aprender a respeitar essas diferenças se não dentro das escolas onde os jovens passam a maior parte dos seus primeiros 18 anos de vida, convivendo com diversos tipos de pessoas, é muito importante para que nós jovens possamos entender que no mundo ninguém é igual fisicamente, muito menos nos gostos e opiniões. Um lugar de ensino é o melhor lugar para se aprender.

Pelos dados constatados nessa primeira fase, podemos ver como é importante desmistificar as noções sobre feminismo e discutir as relações e desigualdades de gênero na escola, muitos estudantes se incomodam com a situação, mas não têm espaço para falar desse incômodo, outros estudantes, como vimos, já se incomodariam com a

discussão desses assuntos na escola, a questão é que enquanto a escola se exime do debate de gênero, as desigualdades perduram na escola e fora dela, se o papel da escola é formar cidadãos estejamos atentos a essa discussão.

Após a pesquisa com os questionários e redações nas turmas de terceiro ano, começamos a pensar de que forma faríamos para trazer à escola e ao ensino de História, as discussões sobre feminismo e gênero, de maneira aberta, participativa e ampla.

Realizamos um cine-debate com a exibição do filme Precisamos falar do assédio, em setembro de 2015, quando da repercussão do caso em que um homem ejaculou no pescoço de uma passageira no transporte público em São Paulo, lembrando quais pessoas haviam participado desse momento e, foi questionado se tinham interesse na formação de um grupo para debater temáticas relativas às relações de gênero e diversidade na escola, em sala, foi feito esse convite a todos.

Qual seria a interpretação das categorias analisadas, a partir da definição desses estudantes? Quais ideias ou entendimentos estão por trás de determinados xingamentos, brincadeiras, posturas em relação às disciplinas, professores ou professoras, trabalhos em grupo, atividades corriqueiras no ambiente escolar? E questões vividas no nosso cotidiano?

A partir desses questionamentos fizemos nossa primeira reunião em nove de novembro de 2017, numa tarde de quinta-feira, que são nos horários de planejamento. Foram à essa reunião, 11 estudantes, e foi pensado numa proposta de um grupo, que pudesse atuar na escola e promover atividades de debates, intervenções artísticas, palestras, rodas de conversa, etc., e, em seguida, elaborou-se um cronograma para encontros e temas:

Cronograma:

09/11- apresentação da proposta e construção das temáticas e formatos das reuniões;

16/11- feminismo/machismo (proposta)

23/11- homofobia (proposta)

30/11- feminicídio (proposta)

07/12- assédio (proposta)

Os meninos e meninas concordaram em fazer parte e logo começaram a levantar as demandas da escola, o que, de fato, acontecia pelos corredores, intervalos, troca de

professores ou mesmo em sala, que demonstravam a necessidade do debate sobre essas questões; foram levantados pontos como: piadinhas machistas de alunos e professores, piadinhas homofóbicas, agressividade de alguns meninos, ato de os meninos falarem mais alto e falarem mais, uma das meninas, Ana*, relatou sobre a questão:

- Vocês já sofreram ou viu algum tipo de violência de gênero na escola?
- Sim, quando sabia a mesma resposta dos garotos até respondia primeiro, mas eles sempre levavam os créditos, por falarem mais alto ou não me deixavam falar.

Foram relatadas, também, questões como casos de assédio, de gravidez na adolescência em que as meninas não recebiam apoio nem orientação de como proceder na escola, sendo assim foram decididas algumas atividades como: roda de conversa com as grávidas da escola, cinema sobre gênero com debate após o filme, e pesquisas com o tema para apresentação em feiras científicas regionais.

No final do encontro surgiu uma questão sobre a gincana da escola, cujo tema ainda não tinha sido divulgado, eles perguntaram se poderiam propor o tema da gincana e assim movimentar a escola toda para a importância do tema. Foi dito que já tinha sido colocado como proposta, mas que o projeto não foi selecionado, então que pelo menos fizessem alguma apresentação artística na abertura ou encerramento da gincana com a temática.

Começou-se a perceber, nessa primeira reunião, que os estudantes necessitavam bastante de espaço de fala, de participarem mais ativamente nas decisões da escola, questionaram a falta de votação para o tema da gincana, e a falta de participação deles para vários assuntos da escola, como também, a falta de momentos para expressarem suas ideias, sua arte, suas histórias de vida, percebendo, na verdade, uma ânsia por falar, por compartilhar e ver que não estão sozinhos.

Foi feito um grupo em um aplicativo de mensagens para combinar os encontros e dividir tarefas do grupo, compartilhar ideias e materiais. No segundo encontro foi discutido um texto sobre as concepções de machismo e feminismo, com algumas definições. Nos encontros, desde os primeiros, sempre se falava muito sobre casos pessoais e familiares, o texto, na verdade, era só o mote porque o que elas e eles queriam, era falar de sua realidade em casa, na escola, nos espaços de lazer. Nesse ponto, já não estava mais seguindo o cronograma, porque não dava tempo de discutir os

textos que eram levados, porém, outros assuntos surgiram como mais urgentes e foi combinado de marcar uma data para uma espécie de “formação”, na qual estudariam os temas. Na terceira reunião, uma das meninas viu que se aproximava o dia 25 de novembro, que alude ao “Dia Internacional da Não violência contra a mulher” e foi decidido planejar uma atividade na escola para o dia 27 de novembro, em que fariam cartazes sobre o dia, como também, organizaram falas e reflexões em algum horário das aulas com a escola toda, em cada turno.

Reuniram-se no outro dia e fizeram cartazes explicando a história da data, outros sobre assédio, relacionamentos abusivos, as votações recentes sobre a questão do aborto, dados sobre casos de feminicídio e machismo. Uma das meninas teve a ideia de fazer uma caixa, onde as pessoas poderiam colocar algum desabafo pessoal, sendo assim, a caixa foi feita e ficou no pátio da escola para que outras pessoas pudessem participar.

No dia 27 de novembro, no turno da manhã, fizemos falas do grupo e de outros professores sobre dados da violência contra a mulher; entregaram laços na cor laranja, que simbolizava essa luta. O momento foi um tanto quanto tumultuado, pois muitos estudantes ficaram conversando e brincando na hora das falas. À tarde fizeram no horário anterior ao do intervalo e foi bem proveitoso, mais alunos atentos às falas e à noite fizeram no início da aula, e foi bem interessante, pois o público era de maioria adulta.

Na reunião seguinte, houve a avaliação da atividade realizada e foi visto o quanto tinha que se esforçar para fazer com que esse tema fosse aceito. Houve muitos comentários como “isso é desnecessário”, “não vai adiantar nada falar sobre isso”, que foram ouvidos pelos integrantes do grupo, porém continuou analisando o tema feminicídio, com um texto sobre o caso Eloá, que marcou como um crime analisado como passional pela mídia.

Na última reunião do ano, foi decidido fazer um planejamento para receber os novos alunos no ano seguinte para chamar e incentivar que mais estudantes participassem, sendo assim, foi pensado em promover um sarau com performances artísticas e poesia, música, e realizar as atividades planejadas que não foram realizadas durante o ano, já que o grupo se formou no fim do ano letivo.

Portanto, esse primeiro momento do núcleo de gênero (como começamos a chamar) foi muito gratificante, por ver o interesse de uns poucos em trazer alguma mudança para a escola, foi intrigante, porque começou conhecê-los de outra forma, que não a relação professor-aluno, e o quanto que eles tinham a dizer, a fazer e que na posição de professores só viam um pouquinho da realidade do que acontecia entre os estudantes, pôde-se perceber outra realidade dentro da escola, o processo de estranhamento, foi real, visto de outro modo, ou tentou fazer isso, ouvir as insatisfações quanto às decisões como gestão da escola, e como estava sempre lhes impondo o que fazer e o que vestir, e não eram ouvidos.

No início de 2018 demoraram um pouco a se reencontrarem, era o começo do novo tempo integral na escola e as primeiras semanas foram de adaptação a esse novo modelo, no qual a escola recebeu quatro turmas em tempo integral e manteve mais treze turmas regulares nos turnos manhã, tarde e noite.

Em maio, duas integrantes do núcleo vieram conversar, pois estavam incomodadas com as situações que estavam presenciando na escola em relação aos relacionamentos abusivos entre os estudantes e propuseram que fossem feitas algumas atividades sobre o tema, ficando de pensar em algo.

Em junho ocorreu um evento, promovido pelas professoras da sala de multimeios, chamado Mais amor, por favor, no qual havia um correio com cartinhas de amor e brincadeiras no dia dos namorados para toda a escola, um momento muito divertido e de interação entre todos os que construía a escola.

Naquele ano, resolvemos trabalhar o tema relacionamentos abusivos, no contexto deste o outro projeto da escola, falamos com as professoras e resolvemos fazer uma roda de conversa na semana anterior à culminância do evento. Foi marcado o dia da roda de conversa para sete de junho, pela manhã, as dinâmicas, vídeos e textos usados na roda de conversa foram escolhidos por elas, e enviados a mim, assim como fizeram a divulgação e prepararam a sala no dia da roda de conversa, elas estavam muito empolgadas com a ideia de falar sobre um assunto corriqueiro entre eles, de maneira séria e institucional.

No dia da roda de conversa, estimava-se entre 15 a 20 pessoas para participar da atividade, que ocorreu no período da manhã, mas para nossa surpresa vieram 32

estudantes, conduzi o momento, pensado principalmente pelas integrantes do núcleo, elas fizeram uma dinâmica de início e depois exibiu um dos vídeos, que era uma animação mostrando como se desenrolava um relacionamento abusivo, com desrespeito, culpabilização e pressão psicológica a uma das partes, principalmente as mulheres. Em seguida, foi aberto um momento para debate e muitos queriam falar, utilizaram um objeto com formato de coração com “bastão da fala”, somente que estivesse com o coração poderia falar, surgiram muitas falas citando exemplos sobre questões parecidas com o vídeo.

Depois, foi exibido outro vídeo, esse com depoimentos de mulheres que sofreram violências físicas decorridas de relacionamentos abusivos, mais uma vez, diversas falas trouxeram depoimentos desse tipo de violência em casa ou na rua onde moram, sempre que podiam, colocavam as questões mais visíveis no cotidiano escolar: beijos forçados, isolamentos de meninas e meninos, que deixavam de falar com pessoas por causa do namorado ou namorada, puxões, empurrões, etc.

No último momento, foi solicitado que eles escrevessem em papéis, de um lado o que é amor e do outro o que não é amor, para compor um painel a ser exposto na escola no dia da culminância do projeto, Mais amor, por favor. Todos participaram de maneira séria e comprometida, ficando muito felizes com os resultados dessa atividade, que seria em apenas um momento, mas alunos do integral que não conseguiram participar pela manhã, por conta do tamanho da sala, pediram para realizar em outro momento à tarde.

Realizamos essa outra roda de conversa à tarde, nas primeiras aulas e a fila ficou enorme para participar, tivemos que realizar mais uma após o intervalo para quem não entrou na primeira, seguido da mesma forma com a dinâmica e já foi percebido que alguns tinham ido à roda de conversa somente para sair de suas respectivas aulas. Foram solicitados seriedade e comportamento adequado a todos, parecia que alguns meninos queriam “destruir” o evento, atrapalhando de alguma forma, mas após essa chamada seguiu o roteiro e tudo ocorreu como no período da manhã, se tratava de um assunto tão sério que as feições daqueles que bagunçaram, mudando no decorrer da atividade, deste segundo momento, participando assim, 37 estudantes. A terceira e última roda de conversa ocorreu bem, apesar do cansaço e contou com a participação de 41 estudantes.

Por fim, um total de 110 estudantes participou dessa atividade que inicialmente havia a possibilidade de que apenas 20 pessoas participariam. Foi muito gratificante e instigante perceber o interesse, mesmo que de forma tímida, no início, por refletir sobre essas questões e situações. Muitas meninas falaram que viviam isso e não sabiam que era abusivo, foi ainda gratificante e surpreendente a presença de um público bem maior do que se esperava. Nesse evento foi possível apresentar o núcleo, o trabalho desenvolvido para mais pessoas e muitos ficaram interessadas em participar das reuniões, principalmente estudantes do integral, que procuraram para fazer parte do núcleo.



Figura 4 - Roda de conversa sobre relacionamentos abusivos- 07/06/2018- manhã.

Fonte: A autora, (2018).

A partir de agosto, depois do sucesso das rodas de conversa, foi decidido voltar com as reuniões quinzenalmente, para receber os novos integrantes e elaborar mais atividades que movimentassem a escola da mesma forma que as rodas de conversa sobre relacionamentos abusivos. Marcando o retorno das reuniões, dessa vez já com alunos do primeiro ano do tempo integral, que se interessaram em participar do núcleo, fazendo uma lembrança do nosso surgimento para eles, durante o ano anterior e primeiro semestre de 2018, aconteceram alguns encontros e houve a tentativa de pensar em um nome para o núcleo e algum símbolo, mas devido a correria dos dias não foi decidido sobre isso, algo que julgava novamente ser importante, agora com novos integrantes, já que alguns saíram por conta do término do ensino médio, poderiam voltar a pensar nisso. Nesse reencontro foi feito um calendário de reuniões com temas que eles gostariam de se aprofundar como: bissexualidade, homofobia, sororidade, etc.,

para a próxima reunião ficou decidido que deveria ser debatido sobre o livro *Sejam todos feministas* da escritora nigeriana Chimamanda Adichie.

Seguindo o calendário proposto, foram trabalhados, nas reuniões seguintes, os temas bissexualidade e sororidade, cada tema em um dia. As reuniões passaram a ocorrer quinzenalmente, às quintas-feiras pela manhã, em que ocorriam as disciplinas eletivas do tempo integral, essas disciplinas não possuíam avaliações, por isso, ficaria melhor de intercalar as aulas da eletiva com os encontros dos núcleos, sem prejudicar tanto as disciplinas que eles frequentavam, isso foi um dos problemas enfrentados para este trabalho: os horários das reuniões, pois em qualquer horário que ocorresse, retiraria alunos de sala, alguns não podiam comparecer à reunião por estarem fazendo provas ou revisões, como não temos um horário na grade da escola, alguns professores e coordenadores reclamaram, por vezes, dos encontros.

As formas de trabalhar os assuntos, também vieram deles, em alguns momentos sugeriram vídeos, canais do Youtube, que eu não conhecia, para iniciarmos as discussões, um dos momentos que tiveram mais estudantes presentes foi o dia que trabalhamos o tema sororidade, foi muito interessante debater esse tema, pois ainda é um termo desconhecido e passaram por vários e vários casos de falta de empatia entre as meninas da escola, foram colocados vários exemplos dessas posturas.

É importante ressaltar que além dos momentos de reunião com debates sobre os temas propostos, sempre se conversava sobre o cotidiano da escola, de maneira informal e próxima, com a formação do núcleo, tornando-se amigos e ajudando-se uns aos outros, de fato, nos momentos difíceis desse ano de 2018, dando forças para enfrentar os preconceitos e contextos políticos difíceis, dentro da escola e fora dela.

Nessas conversas, nos corredores, nos intervalos, pela internet, nos momentos após a reunião em si, falamos de assuntos pessoais e do convívio escolar, percebendo que os professores vêem a violência em sala, e pouquíssimos em relação ao que ocorre nos momentos de troca de professores, nos intervalos, e até fora da escola, passam a receber informações de casos de assédio dentro da própria escola, da parte de professores, reclamações da forma como alguns lidavam com as meninas, principalmente as participantes do núcleo e os meninos gays, através de piadas machistas e posturas de desrespeito com essas pessoas.

Não estranhando, porque também passei a receber esse tipo de postura, a partir do momento em que o núcleo se fortaleceu na escola e cresceu e, ao mesmo tempo, a onda conservadora que vinha desde 2014, chegando com força total no período eleitoral de 2018, professores que passaram a debochar das atividades do núcleo, abertamente, questionando-me “se eu poderia fazer esse tipo de atividade”, falando mal do núcleo em sala, que não adiantaria nada, pois “as coisas são assim”, desmotivando à participação e incitando aqueles alunos que se mostravam contrários às discussões e que passaram a me enfrentar e ameaçar de “denúncia” com base nas ações do Escola sem Partido, também soube de relatos de ameaça de agressão física, mas não consegui chegar a pessoa que a fez, passamos por um clima muito tenso na escola, durante os meses de setembro e outubro, além da escola, nas redes sociais e o núcleo me ajudou nesse momento, pois era um espaço no qual podíamos nos fortalecer.

No momento em que apliquei o questionário com as turmas de terceiro ano, em novembro de 2017, para analisar os entendimentos das turmas em relação aos temas relativos ao gênero, apliquei o mesmo questionário com os integrantes do NUGEP que estavam se formando naquele momento, com a diferença de que para estes não foi anônimo, pois queria saber quais as motivações que os teriam levado a se interessar pela temática.

Responderam a esse questionário sete estudantes, e a análise que fiz de suas respostas é que eles tinham mais percepção sobre as questões, mesmo que não de forma aprofundada, o núcleo estava apenas começando, mas já eram pessoas que entendiam a importância de debate na escola, por exemplo, na questão sobre feminismo, que a mais controversa no questionário geral:

- Liberdade.
- Feminismo na maioria das vezes luta pela igualdade de gênero, se homem pode mulher também pode.
- Feminismo são as mulheres não deixarem certas coisas contra as mulheres acontecerem.
- É a mulher que prioriza seu direito na sociedade.
- É uma forma de a mulher mostrar seus direitos
- É um movimento que luta em busca da igualdade entre homens e mulheres.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- Uma pessoa na qual quer direitos iguais perante a sociedade, por que ela sim teve estudo pra saber que podemos e devemos ter direitos iguais.

Refiz o questionário, no fim de 2018, nesse, até o fim desta escrita, 9 pessoas tinham respondido, alguns integrantes não estavam mais e entraram novas pessoas, desde o início do ano, as repostas às mesmas perguntas para os que permaneceram, e refizeram o questionário, pude perceber respostas mais embasadas, sobre o que é feminismo:

- É um movimento que busca por igualdade. Mas vai além, pois nos ajuda a descobrir uma força que não imaginávamos ter, lutam por tantas outras causas (MST, Racismo, Gordofobia, etc). Feminismo para mim é como se fosse uma "graduação " para as mulheres onde você recebe o diploma quando entende que nenhuma sociedade patriarcal tem direito de ditar quem você é, e o que deve fazer, e além de tudo entender que não somos rivais e devemos nos fortalecer para repassar para gerações que nós podemos ser o que quisermos! Feminismo é o amor que nos ensina o verbo amar, NOS AMAR.

- É uma comunidade onde existem mulheres de diversas formas com pensamentos e ideias parecidos. Mulheres de pensamentos muitas vezes fortes com ideias muito a frente do que a sociedade planta.

- Mulheres buscando a igualdade de direitos na sociedade.

Neste último questionário pedi que fizessem uma reflexão acerca do NUGEP, sua importância e quanto à participação de cada um neste primeiro ano de núcleo na escola Edmilson Pinheiro, as respostas me deixaram muito satisfeita, pois demonstram como esse projeto de intervenção fez alguma diferença na escola.

- Eu amo esse núcleo! Foi o melhor projeto que pude participar, além de obter conhecimentos é uma rede de apoio onde podemos nos fortalecer desconstruir "pré-conceitos "podemos desabafar, ajudar pessoas." Resumindo NUGEP é só A.M.O.R

- Que fiquei super feliz de ver um movimento dentro da escola, com pensamentos e ideias meio que parecidos e o incrível também é está dentro desse grupo maravilhoso onde já vi de um tudo acontecendo, ver que de certa forma posso ter voz dentro de uma escola e ver pessoas me parabenizando, isso tudo é bastante gratificante.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- Foi uma ideia muito boa, trabalhar com os assuntos abordados na escola é o melhor caminho para mudar e melhorar a nossa sociedade.
- O NUGEP me ajudou a abrir mais a minha mente em relação a alguns assuntos, me mostrando vários lados, a cada reunião saio com um novo aprendizado. Sua importância serve muito para quebrar tabus que uma sociedade patriarcal e heteronormativa impõe.
- Esse grupo me ajudou, me transformou e mudou minha mentalidade em muitas coisas. principalmente sobre o feminismo... eu amo fazer parte desse grupo de estudos e é muito importante ele não só na nossa escola, mas em todas, sempre bom falarmos e aprender sobre coisas relativas a gênero.
- Cresci em uma família machista, mas nunca me senti confortável por ser mandada por homens, e não gostava por sempre fazer coisas, como, tarefas domésticas e os homens da família não. Quando entrei no Nugep, aprendi tanta coisa importante que me fez refletir. Nugep me ajudou a pensar na desigualdade que vivemos até hoje, nas pessoas que sofrem com isso, que é completamente errado querer ser superior a outra pessoa. O NUGEP é importante por nos fazer refletir sobre atos, escolhas, por confortar as pessoas que sofrem por desigualdade, nos faz entender que nessa luta não estamos só.
- NUGEP foi onde abri meus olhos, aprendi a ver o mundo com amor. Lá, você aprende a se amar, aprende a se aceitar, ganha pessoas de confiança e a melhor orientadora do mundo. Descobri que era feminista, e que ainda há esperança. Obrigado!
- O NUGEP me ensinou bastante inclusive sobre diferenciar feminismo de machismo, e ter argumentos para me defender de muitas situações principalmente do machismo na qual eu passava e achava que era normal, ao ponto de me apontarem o dedo por conta do fato que eu sou mulher, e sim o NUGEP me ajudou e ainda ajuda bastante a lidar com muitas situações.
- O núcleo tem mudado minha vida pra melhor e a importância dele é enorme. O trabalho que tem feito conosco é incrível, o tanto que você tem aberto nossas mentes e o quanto você discute assuntos tão importantes é um jeito único de fazer diferença no Edmilson Pinheiro. Todo mundo quer que não tenhamos informações e não venhamos a discutir o que precisa ser discutido, e no NUGEP, temos chances de ampliar nossos pensamentos para caminhos melhores, total gratidão por participar de tudo isso.

-Em minha opinião toda a escola deveria participar. É muito importante saber que devemos respeitar todos, independente de sexo, raça, cultura, religião e etc.



Figura 13 - Figura 13. Grande parte do NUGEP- após a reunião sobre sororidade.

REFERÊNCIAS DE LIVROS E ARTIGOS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- AZEVEDO, G. C. *História em movimento/ Reinaldo Seriacopi*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2013.
- BARCA, I. . Investigar em educação histórica: da epistemologia às implicações para as práticas de ensino. *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXIX. Coimbra, p. 53-66, 2007.
- BASTOS, Maria Helena Camara; GARCIA, Tania Elisa Morales. *Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira Traduzindo Madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras*. *Revista de educação*, v. 3, n. 5, jan./jul. 1999.
- BERTH, J. *O que é: Empoderamento?*. Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. *Feminismo e política: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BORDO, S. . A feminista como o outro. *Rev. Est. Fem.* 8 (2000/1).
- BOLLMANN, Maria da Graça Nóbrega; AGUIAR, Letícia Carneiro. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 10, n. 19, p. 407-428, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>
- BOULOS, J. A. *História sociedade e cidadania:3º ano*. 1.ed. .São Paulo: FTD, 2013.
- CERRI, L. F. *Ensino de História e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984. Pp.
- DILTHEY, W. A construção do mundo histórico nas ciências humanas. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- DOURADO, L. F. (Org.). Plano Nacional de Educação (2011-2020):avaliação e perspectivas. Goiânia: Ed. UFG; Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 344p.
- FARIAS, G. P. .Significância histórica e as questões de gênero no ensino de História: um estudo de caso sobre as narrativas dos estudantes no ensino médio da Escola Professor Lorea Pinto. 2015.
- GEERTZ, C. .A interpretação. 1.ed. Rio de Janeiro: LCT, 2014, 323 p.
- GONÇALVES, A. L. História e gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HAHNER, E. J. .A mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- LA VOZ DEL SILENCIO II. História de lasmujeres: compromiso y método. Ed. Cristina Segura Grãino, 1993, 159p.
- LEE, P. .Por que aprender História?.Educ. rev. .Curitiba , n. 42, p. 19-42, dez. 2011.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. .Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. 1ª ed. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- LOURO, G. L. .Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MOTTA, R. P. S. .As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária.1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NATIVIDADE, M. .Curso de Educação em Direitos Humanos (EDH). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2010.
- NEVES, J.; FERNANDES, M.; SILVEIRA, R. M. G.; OLIVEIRA, M. M. D. de. (Org). Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino. João Pessoa: ANPUH/PB - Editora Sal da Terra, 2000, 138 p.
- OLIVEIRA, M. M. D. de.; COSTA, A. .Para que(m) se avalia? Livros didáticos e avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal). Natal, RN: EDUFRN, 2014,164p.
- PEDRO, J. M. .Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.
- PERROT, M. .Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PERROT, M.; RIBEIRO, V. .As mulheres ou os silêncios da História. Bauru, SP: EDUSC, 2015.
- POLLAK, M. .Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.
- RAGO, M. .Feminizar é preciso: por uma cultura filógena.São Paulo em perspectiva, 15(3) 2001.
- RAGO, M.; PEDRO, J.; GROSSI, M. (Org). .Epistemologia feminista, gênero e história. In: MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- RAGO, M.; A. P. P. Subjetividades antigas e modernas. São Paul: Annablume, 2008, 254 p.